

Inovações de Marcos Rey em *O Mistério do Cinco Estrelas*

José Eduardo Botelho de Sena (UPM)¹

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo analisar o livro *O mistério do Cinco Estrelas*, de Marcos Rey, a partir do pressuposto de que, nesta obra, manifestam-se tanto características que seguem a tradição do romance policial quanto aspectos inovadores em relação a este gênero e à literatura juvenil. Rey faz experimentações de renovação ao procurar reproduzir no livro certa tensão entre classes latente no interior da sociedade brasileira e por antecipar a incorporação de temas como o tráfico de drogas à literatura juvenil do início da década de 80.

Palavras-chave: Literatura. Literatura juvenil. Romance Policial. Marcos Rey. *O mistério do Cinco Estrelas*.

Abstract:

The aim of this paper is to discuss the book *O mistério do Cinco Estrelas*, by Marcos Rey, based on the assumption that this book, presents not only characteristics of the traditional detective story, but also some innovations concerning this gender an juvenile books. Rey do innovation's experiment and reproduce a latent tension in the Brazilian society and to incorporate topics so traffic drugs in the children's literature.

Key Words: Literature. Children's Literature. Detective Story. Marcos Rey. *O mistério do Cinco Estrelas*.

Introdução

Marcos Rey escreveu quase duas dezenas de romances policiais para jovens. *O mistério do Cinco Estrelas* foi o primeiro. Publicado em 1981, trazia algumas das principais características desse tipo de romance para um público ainda pouco afeito ao gênero: o jovem, que, no início da década de 80, contava com raros autores desenvolvendo esta modalidade de narrativa, entre os quais Lúcia Machado de Almeida, Isa Silveira Leal, João Carlos Marinho e Stella Carr.

Entre os aspectos que aproximam a obra do escritor da tradição do gênero estão a incorporação de princípios básicos do romance policial como o crime consumado no início da obra, a presença de um dupla - o detetive e seu amigo - e o emprego da dedução como método investigativo. Contudo, mais do que reafirmar características próprias desse tipo de texto, Rey também faz experimentações de renovação ao procurar reproduzir no livro uma certa tensão latente no interior da sociedade paulista e brasileira e por antecipar a incorporação de temas como a inclusão de cadeirantes e o tráfico de drogas à literatura juvenil do início da década de 80.

Narrado em terceira pessoa, *O mistério do Cinco Estrelas* tem como principal cenário um hotel cinco estrelas (ao qual alude o título), no bairro da Bela Vista, região central da capital paulista. No *Emperor Park Hotel*, trabalha o *bellboy* Leo, que, por acaso, encontra o corpo de um homem assassinado em um dos apartamentos. O corpo estava no quarto 222, ocupado por um hóspede rico e respeitado por suas contribuições a obras sociais, Oto Barcelos, mais conhecido como Barão. Leo avisa seus superiores sobre o crime, mas o corpo desaparece do apartamento.

Desacreditado e acusado de roubo pelo Barão, ele perde o emprego e passa a ser procurado pela polícia. A partir de então, decide investigar o caso, com o auxílio de um porteiro do hotel e amigo da família, Guimarães, mais conhecido como Guima, da amiga e candidata a namorada Ângela e - sobretudo - do primo Gino.

Nessa empreitada, Gino e Leo descobrem que o Barão contava com um aliado dentro do próprio hotel, o funcionário da lavanderia Hans Franz Müller. Ao tentar

provar a ligação do funcionário com o Barão, o *bellboy* é enganado pela falsa jornalista Vivian, que, a pretexto de divulgar publicamente a história de Leo, o atrai para um esconderijo. O garoto desconfia e foge daquela que seria uma tentativa de seqüestrá-lo, mas não sem antes reunir informações que ajudarão a desvendar a ligação entre os fatos.

Num ritmo ágil, em que predominam capítulos curtos, Marcos Rey conduz o leitor ao desfecho em que o Barão é desmascarado do papel de benemérito de entidades sociais e preso por comandar uma quadrilha de tráfico internacional de drogas.

O primeiro fator que chama a atenção é o perfil das personagens. Como já destacou a professora Regina Zilberman, em *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*, o escritor apresenta um “outro recorte social” em relação a outro grande autor contemporâneo no romance policial juvenil brasileiro, João Carlos Marinho. Enquanto em Rey predomina a classe média baixa, em Marinho, as personagens pertencem à classe mais rica.

O herói de *O mistério do Cinco Estrelas* é um jovem de classe média baixa, com 16 anos de idade. Morador de uma “casa muito velha” do bairro da Bela Vista, mais conhecido como Bexiga, sua rotina é trabalhar como *bellboy*, isto é, mensageiro no Emperor Park Hotel das 8h às 18h, jantar em casa rapidamente e, então, correr para a escola noturna. A família, de origem italiana, é composta pelos pais, Rafael e Iolanda, o irmão Diogo, de 12 anos, e o avô, o nono Pascoal. O pai é artesão, a mãe, ex-funcionária de cantina, trabalha como dona-de-casa, e o nono ajuda seu Rafael a esculpir peças em madeira para a feira “hippie” da Praça da República. Gino é morador do mesmo bairro. Com 20 anos de idade, ele vive “numa das menores e mais antigas casas da Bela Vista”, apenas com a mãe Zula, cozinheira de uma cantina.

Marcos Rey, no entanto, não se restringe à simples inclusão de personagens de outra classe social num gênero – a narrativa policial – que tradicionalmente valoriza personagens de extração mais elevada. Na verdade, a originalidade da história de *O mistério do Cinco Estrelas* parece residir no fato de transpor para o papel uma certa tensão social. O primeiro indício desta tensão revela-se na relação entre Leo e Ângela.



Ela realmente tem um perfil social diferente do herói do livro, é moradora do Morro dos Ingleses, área mais nobre da região do Bexiga, e alvo da paixão de Leo, mas uma possível relação entre os dois não é bem vista pela família.

A família toda sabia da gamação de Leo por Ângela. Mas Rafa e Iolanda, Iolanda mais que Rafa, condenavam esse quase-namoro porque os moradores do Morro dos Ingleses pertenciam a outra classe social, eram mais grã-finos, e quando há essa diferença entre namorados, nunca dá certo (REY, 2005, p. 16).

Na realidade, as diferenças sociais que vão marcar a narrativa surgem logo no início do livro, onde o narrador não se furta a destacar a diferença social entre o *bellboy* e os hóspedes do *Emperor*, dizendo que Leo ficara deslumbrado, pois, “no seu mundo da Bela Vista (...) jamais pisara num ambiente tão bonito, moderno e fofo”. Logo depois, afirma:

Não era no proletário subsolo que o rapaz da Bela Vista encontrava satisfações e interesses. Gostava de vagar pelo saguão, sempre cheio de hóspedes que chegavam ou partiam, numa confusão de malas, rótulos e idiomas, de espiar a piscina, no quarto andar, com suas águas muito cloradas, dum verde para ricos, o restaurante, com seus odores caprichados, a luxuosa boate, o imponente salão de convenções, o *tropical garden*, pequena floresta onde serviam gelados e sanduíches, a sauna, que vendia calor e fumaça, a quadra de *shopping*, com suas lojas sofisticadas, e no alto, lá em cima, o belo terraço, coisa de cinema, com pista de dança, solário e um mirante envidraçado para se ver São Paulo inteira, à luz do sul, elétrica ou de vela em jantares e ocasiões especiais (REY, 2005, p. 8).

Nota-se no trecho acima uma espetacular figurativização relacionada a diferentes classes sociais, cujas diferenças parecem cifrar-se em diferentes planos do texto: nele, destacam-se termos como: “rótulos”, “ricos”, “luxuosa boate”, “odores caprichados”, “imponente salão”, “*tropical garden*” e “lojas sofisticadas”, que remetem à classe mais alta. Nota-se ainda que o parágrafo tem início ligando o mensageiro ao “proletário subsolo” - literalmente em posição inferior - em oposição ao final do parágrafo que menciona o acesso dos mais ricos ao “alto, lá em cima, o belo terraço”.

Nesta disposição geográfica do “alto” e do “baixo”, o leitor pode ler não apenas a cartografia do hotel, mas, talvez, uma cartografia social². A interpretação parece sancionada no parágrafo seguinte pelo narrador, quando ele diz também que a maioria dos hóspedes do *Emperor*, a exemplo do próprio hotel, “parecia ter cinco estrelas estampadas na testa: gente importante...” Além disso, o próprio nome do hotel incorpora-se a esta cobertura figurativa, já que *Emperor*, traduzido do inglês, quer dizer Imperador.

É exatamente contra gente importante do “Imperador” que Leo lutará. O corpo que ele descobre está no quarto de um dos hóspedes mais ricos, poucas vezes identificado pelo nome (Oto Barcelos), sendo, na maior parte das vezes, chamado por meio do título Barão.

Num país republicano como o Brasil, cujas classes dominantes talvez alimentem ainda a herança aristocrática de sua gênese, à denominação “Barão” acrescenta-se um rosário de qualidades geralmente atribuídos à elite. Segundo o livro, o Barão é conhecido benemérito, pois “protetor de inúmeras instituições assistenciais”. O suspense da história repousa, inclusive, sobre a tradição brasileira de que sobre “barões” não pesam as acusações, sobretudo quando feitas por alguém socialmente desfavorecido como Leo.

Para a professora Marilena Chauí, no livro *Brasil - Mito fundador e sociedade autoritária*, a hierarquia social brasileira seria ainda reflexo do período escravocrata do país:

Conservando as marcas da sociedade colonial escravista, ou aquilo que alguns estudiosos designam como “cultura senhorial”, a sociedade brasileira é marcada pela estrutura hierárquica do espaço social que determina a forma de uma sociedade fortemente verticalizada em todos os seus aspectos: nela, as relações sociais e intersubjetivas são sempre realizadas como relação entre um superior, que manda, e um inferior, que obedece. As diferenças e assimetrias são sempre transformadas em desigualdades, que reforçam a relação mando-obediência. O outro jamais é reconhecido como sujeito nem como sujeito de direitos, jamais é reconhecido como subjetividade nem como alteridade (CHAUÍ, 2007, p. 89).



A esta altura, é preciso mencionar uma epígrafe constante das primeiras 20 edições do livro, publicadas pela Editora Ática, que desapareceu quando a obra, a partir da 21ª edição, passou para a Editora Global, em 2005.

É a história de dum Davi contra um Golias. O pequeno Davi da Bíblia venceu o gigante Golias apenas com uma pedra e uma funda. Mas há outros meios de se derrubar grandes obstáculos. A persistência não é o mais prático, mas talvez seja de todos o mais eficiente. (REY, 1993, p. 5)

A epígrafe faz alusão a uma das histórias do Primeiro Livro de Samuel, parte integrante do Velho Testamento da Bíblia (I Sm 17.10 - 46), cuja expressão - Davi contra Golias - tornou-se amplamente conhecida ao longo do tempo. Davi é um rapaz que, embora muito jovem, trabalha como pastor de ovelhas. Exatamente por sua idade, ele não foi à guerra. No entanto, um dia, atendendo ao pedido de seu pai, leva alimentos aos seus irmãos que se encontravam em batalha. Ao chegar ao local, descobre que o principal temor dos soldados é o gigante Golias, face a quem Davi não demonstra o mesmo medo. Após pedir autorização do Rei e ganhar arma e escudo, parte para enfrentar o gigante. A roupa e as armas não lhe caem bem. O rapaz, então, decide guerrear confiando em Deus, cuja amizade cultivara ao produzir lindas canções, os Salmos. Leva apenas cinco pedrinhas e uma funda (laçada de couro ou corda para arremessar pedras). O gigante, ao se ver diante daquele que o desafia, caçoa de Davi, que não se intimida e avisa: vencerá com a ajuda de Deus. A previsão se confirma: com uma pedrinha, ele acerta a testa de Golias, que cai e morre.

O Barão de *O mistério do Cinco Estrelas* pode ser equiparado ao Golias bíblico sob três aspectos: o físico, o econômico e o social. Do ponto de vista físico, Barão é gordo, grande. No que se refere ao aspecto econômico, como já foi lembrado, ele era um dos homens mais ricos do hotel. Para completar, em virtude de sua posição econômica, tinha ramificações pela sociedade que lhe garantiam prestígio e até mesmo poder.

“- Sou o delegado Arruda, Barão”.
O hóspede do 222 sorriu.
“- Barão é apelido devido à minha gordura.

- E à nobreza de seu coração – acrescentou o delegado.
- Recebi seu recado, mas não precisava vir. Eu iria à delegacia com todo o prazer...” (REY, 2005, p. 46) ³

Em linguagem política contemporânea, a *blindagem* de uma figura como o Barão é de tal ordem que o delegado vai ao seu encontro e não o contrário. Antes, o amigo de Leo no hotel, Guima, ao saber das investigações do protagonista sobre o ricoço, afirma: “O Barão é rico, forte como um encouraçado, afaste-se dele”.

Também uma reflexão de Ângela, amiga do rapaz, denuncia a cumplicidade entre os poderes constituídos e a classe dominante. Leo parece ficar ainda mais inseguro ao ouvir da amiga que: “(...) Meu pai é advogado e sempre diz que um pobre dificilmente consegue pôr um rico na cadeia” (REY, 2005, p. 19).

Embora o crime, em tese, nivele as diferenças sociais, o tratamento dispensado a uma figura como o Barão durante o inquérito da narrativa de Rey revela o quanto esse nivelamento nem sempre é verdadeiro. Quando se passa da teoria de que todos são iguais perante para a lei para a prática do dia-a-dia, a questão muda de figura, ainda que na ficção.

Na origem da presença de uma epígrafe bíblica em *O Mistério do Cinco Estrelas* pode estar o fato extra-texto de que a mãe de Rey, “presbiteriana, lia o Livro Sagrado diariamente”. Em sua autobiografia, o escritor relata que, muito cedo, entrou na Escola Dominical da Igreja Unida para aprender a comportar-se como um cristão e ser introduzido no estudo da Bíblia, que o impressionou pela linguagem:

(...) interessei-me pela Bíblia. Sua linguagem forte me falou diretamente. Em poucas páginas, ela contava um século de História. Era sintética, dramática, poética e continha o mistério do tempo em sua marcha incansável. Como todas as grandes histórias, as suas não esclareciam tudo. Diretas, mas não lineares. Curtas, mas não superficiais. E sempre englobavam amores verdadeiros, ódios profundos, vinganças, grandes ambições, sonhos proféticos, guerras devastadoras, santidade e corrupção, somando todos os condimentos da ficção... (REY, 1997, p. 10)

Pode-se inferir, portanto, uma segunda razão para que Marcos Rey recorresse à Bíblia para introduzir o leitor ao tema do livro. Ele parece sugerir que no Livro Sagrado já estariam as grandes histórias e que a ele, como escritor, caberia imprimir o



seu estilo a um tema universal. Afinal, como ele mesmo disse, “imitações ou plágios só servem para valorizar ainda mais as obras originais”.

Leo, ao longo da história, vai construindo seu o perfil de Davi, re-encenando o episódio bíblico no qual o fraco vence o forte, tornando cristalino o sentido da epígrafe. Mesmo desempregado, acusado de roubo e escondido na casa da Tia Zula, ele decide prosseguir com a investigação.

A primeira pista sobre o caso – iniciado com a descoberta de um cadáver no quarto do hotel de luxo – surge quando os jornais trazem a identidade do homem, cujo corpo fora encontrado boiando no rio Tietê: Ramon Vargas. Mais uma vez, Marcos Rey inova. Assim como traz para sua história uma família da classe média baixa paulistana, o que – como foi relatado – ainda não era freqüente na literatura juvenil do início dos anos 80, ele também é dos primeiros autores a levar para o universo do leitor um tema de dimensão, até então, restrita ao público adulto: a comercialização de entorpecentes, já que Ramon Vargas era um anão de origem boliviana, que fora preso uma vez por tráfico de drogas.

Desconfiados de que o mistério do Cinco Estrelas poderia não estar restrito a um homicídio, o que por si só seria grave, Leo e Gino, com o auxílio de Guima, decidem fazer uma lista com o nome dos principais funcionários do hotel para descobrir entre eles um possível comparsa de Oto Barcelos, ou seja, alguém que o teria ajudado a retirar o cadáver do quarto 222, a fazê-lo desaparecer do hotel e surgir em pleno Tietê. Por meio de um processo lógico de eliminação, eles reduzem os suspeitos a três pessoas da lista.

- Vamos nos concentrar nesses – disse Gino. – Afinal o corpo foi para a lavanderia. (...)

- Quem são os três? – indagou Leo.

Guima foi lendo os nomes e fazendo comentários.

- Maneco, um português muito forte. Trabalha há mais de um ano no lavandeira; Luizão, um crioulo que não gosta de falar muito. E Hans. Hans é o chefe ou o encarregado como dizem.

(...)

Gino fez uma pergunta direta:

- Qual desses tem mais cara de delinqüente?

Guima balançou a cabeça, incapaz de dar uma resposta.

- Para mim são unicamente lavados de roupa.

Houve uma pausa longa de desânimo total. A lista fora reduzida a três nomes, mas a grande incógnita persistia. E nada induzia a desconfiarem mais de um do que dos outros. Leo e Guima olharam para Gino, o jogador de xadrez, de quem esperavam um lance super-inteligente, mais um xeque não ao rei mas ao Barão. (REY, 2005, p. 55-56).

Gino teoriza, então, que “o presente de um homem é narrado pelo seu passado” e propõe uma investigação sobre os três suspeitos. Guima, que ainda trabalha no hotel, fica responsável por obter a ficha dos três. No dia seguinte, com os dados sobre o passado de cada um deles, Gino faz uma nova associação: Leo, quando encontrou o corpo do anão pela segunda vez, fora “nocauteado” por um golpe certeiro a mão livre, Hans, entre os suspeitos, era o único que, no passado, tivera ligações com atividades físicas: fora lutador de judô e luta-livre.

Leo e Guima concordavam a cada palavra que Gino dizia. O raciocínio do jogador de xadrez funcionara. O desmaio fora obra dum faixa preta. Quem sabe um profissional do judô ou de luta-livre.

- Acho que é o homem – disse Leo em voz baixa.

- Hans Franz Muller.

(...) E agora?

Guima, que evidentemente não era jogador de xadrez, disse a primeira coisa que lhe surgiu à cabeça:

- Vamos avisar à polícia.

- Mas que provas nós temos contra Hans? - replicou Gino. - (...) Avisar a polícia agora seria mover errado uma peça do tabuleiro. (REY, 2005, p. 58).

Os lances da narrativa concentram-se, a partir desse ponto, em estabelecer a ligação entre Hans, o Barão e a morte de Ramon Vargas. Com as ações de Leo, que até disfarçado sai às ruas, e Gino, que articula estratégias e, principalmente, faz conexões entre os fatos, eles descobrem que Oto Barcelos comanda uma quadrilha internacional, cuja droga é originária da Bolívia, passa por Corumbá, São Paulo e Rio de Janeiro até ser levada para os Estados Unidos. Aos poucos, diante das provas coletadas e apresentadas à polícia por meio de familiares e amigos, Leo e Gino conseguem convencer o delegado Arruda e o policial Lima sobre a veracidade dos fatos. Prepara-se então uma emboscada, em que os envolvidos são presos, e todos os méritos vão para Leo e Gino.



E tudo terminou numa festa bem à italiana, bem à Bexiga, na casa dos Fantini, num todo dedicado, desde cedo, à comemoração do retorno de Leo ao emprego no hotel e da magnífica vitória que ele e Gino obtiveram contra “a poderosa e astuta quadrilha de traficantes de tóxicos”, como os jornais a rotularam. Mas, por sugestão do doutor Arruda, inteiramente acatada pelos jornais, nomes, retratos e endereços dos primos não constavam das reportagens para evitar futuras vinganças. A participação deles, porém, foi descrita em todos os detalhes, inclusive a luta que empreenderam contra o descrédito policial. (REY, 2005, p. 123-124).

Contudo, os jornais revelavam também que, nem diante das provas, Oto Barcelos esmorecera. Na verdade, ele mantivera a pose de Barão:

O que mais se comentou à mesa (na comemoração da casa dos Fantini) foi a reação das senhoras que trabalhavam com o Barão na campanha de benemerência. Todas haviam declarado que não acreditavam que ele tivesse qualquer relacionamento com contrabandistas, apesar de tudo que Hans declarara para incriminá-lo, safando-se da responsabilidade de assassinato de Ramon Vargas. E elas tinham seus motivos para pensarem assim porque o Barão não confessou nada, atribuindo sua prisão a um lamentável equívoco que um dia seria esclarecido (REY, 2005, p. 124).

O tema das drogas antes de Marcos Rey só se fizera presente na literatura juvenil brasileira no livro *Detetives por acaso* (1976), de Carlos de Marigny. Nesta narrativa, duas histórias “correm” em paralelo. A primeira aborda a criação do Clube do Macaco, uma associação de meninos com até 13 anos de idade, cuja sede fica no alto de uma árvore. A outra trata da história de um desses meninos, Jambolão, que é obrigado, pelo contrabandista Caolho, a entregar um pacote de drogas em nome dele.

O menino adia a tarefa em alguns poucos dias. O tempo é o suficiente para que Caolho seja assassinado, o que só ocorre no meio do livro. A morte do contrabandista, no entanto, não termina com os problemas de Jambolão. É que outro bandido, Mão de Vaca, assume o lugar do primeiro e o embrulho também interessa a ele.

Detetives por acaso, contudo, não faz totalmente jus ao título. Na verdade, os meninos do livro não são realmente detetives, não investigam, não apuram nada. São mais vítimas do acaso, envolvidos numa história de tráfico de cocaína. Além disso, nem todos os quatro integrantes do Clube do Macaco participam efetivamente dessa

linha narrativa; pelo contrário, apenas Jambolão, filho de um marginal assassinado, é quem participa.

Se, por um lado, Carlos de Marigny, não cria uma história que realmente agradaria aos conhecedores das características do gênero policial; por outro, aborda o tráfico de drogas como elemento desencadeador de assassinatos e lutas de poder num livro pra crianças em 1976. Todavia, o autor apresenta uma visão um tanto quanto ingênua sobre o tema, ao propor, por exemplo, que os criminosos são vítimas.

O narrador dá voz aos pensamentos de Jambolão sobre Mão de Vaca:

Lá dentro de sua alma, escutou um sussurro, sem dúvida Nossa Senhora da Aparecida consolando-o.

Aquele homem era um doente grave. A vizinha segredava-lhe. Um doente grave, um pobre coitado, pior que um animal alucinado. Não era feito à imagem de Deus, esta feição de todos, o lado bom da moeda, o espelho do eterno, o companheirismo, a piedade, o entendimento, a ternura, a nossa face que reflete o Todo Poderoso, uma alma, aquele homem nem sequer isto possuía.

Um doente grave. Uma fera doida a destruir tudo ao redor. (MARIGNY, 1986, p. 67/68)

Essa simplificação, expressa na voz da personagem de 13 anos, pode ser interpretada a partir de pelo menos dois motivos. Internamente, pelo fato de a história ser centrada em personagens muito jovens e inexperientes, e, externamente, talvez, pelo fato de que, em 1976, a abordagem de determinados assuntos, em plena época de ditadura, não permitia um debate mais profundo, o que levaria, anos mais tarde, a considerações de que vítima é o usuário de drogas e não o traficante.

Em outro momento do livro, quando vem à tona que o assassinato de Caolho fora cometido por João da Pipoca, ou seja, que o homicídio ocorrera por uma briga entre traficantes, os bandidos são novamente apresentados como vítimas. Diz o próprio João da Pipoca a Jambolão: “A gente se mete nisso por acaso, depois, fica, meu filho.” (MARIGNY, 1986, p.84)

Apesar da restrição apresentada, não se pode negar o papel de Marigny como pioneiro na incorporação do tema pela literatura juvenil. Em 1976, quando lançou o livro, o Brasil era governado por Ernesto Geisel (1974-1979), o quarto presidente da ditadura militar. Geisel foi o presidente que iniciou o processo de restabelecimento



da democracia no país, embora sob a forma de uma “distensão lenta, segura e gradual”, isto é, sem deixar que o processo escapasse ao controle dos militares. Contudo, o governo Geisel também entrou para a história “como o maior censor do País em todos os tempos”, nas palavras de Deonísio da Silva, no livro *Nos Bastidores da Censura*:

Paradoxalmente, o governo Geisel (...) passou à história como o maior censor do Brasil em todos os tempos: mais de 500 livros proibidos, além de centenas – e às vezes milhares – de filmes, peças de teatro, músicas, cartazes, *jingles* e diversas outras produções, entendidas como artísticas e culturais, censuradas entre 1974 e 1978. (SILVA, 1989, P. 15)

Entre os temas que mais desagradavam aos militares estavam aqueles que, segundo eles, atentavam contra a família. Alfredo Buzaid, ministro da Justiça do governo Médici (1969-1974), anterior a Geisel, chegou a veicular publicamente a ligação entre esses temas e os “comunistas”, que seriam os responsáveis por uma ação sutil que

(...) mina a família através de desenfreada propaganda do sexo, do amor livre e da obscenidade. Penetra na escola e difunde o tóxico para desfibrar a juventude. Procura dilacerar os costumes através do teatro, do cinema, do rádio e da televisão. Espalha suas publicações por todas as livrarias. (apud VECCHIO & TELAROLLI, 2006, p. 63).

O pioneirismo de Marigny deu margem a que, em 1981, durante o último governo militar, o de João Figueiredo (1979-1985), Marcos Rey pudesse tratar o mesmo assunto de forma mais contundente, em que o tráfico de drogas é o elemento desencadeador do assassinato que dá origem à sua história policial e a atividade que garante ao personagem Oto Barcelos dinheiro e poder.

Seria possível então ler na personagem Barão um representante do autoritarismo em uma época de exceção? Se analisarmos o que disse a professora da UFRJ Sonia Salomão Khéde, sim:

O autoritarismo é um tema estrutural da cultura brasileira que aflora com maior nitidez nos períodos de exceção, como foi o da última ditadura.

Além disso, o autoritarismo não tem apenas uma face institucional – lei, regras burocráticas, interdições –; ele se manifesta no cotidiano das pessoas através do fenômeno da introjeção desse caráter opressor e hierárquico que se cristalizou em nossa cultura ao longo dos séculos. (KHÉDE, 1986, p. 64/65)

Assim, da mesma forma que *Detetives por acaso* abriu caminho para *O mistério do Cinco Estrelas*, ambos “permitiram” que, em 1984, Pedro Bandeira lançasse *A Droga da Obediência*, novela policial em que um grupo de jovens, os Karas (Miguel, Magri, Crânio e Chumbinho) decidem investigar o desaparecimento sucessivo de alunos de diversos colégios de São Paulo. Descobrem então que os desaparecimentos estavam relacionados a experiências com a chamada “droga da obediência”, colocando em evidência o que a professora Nelly Novaes Coelho classificou de “um problema crucial para os homens e as sociedades: o dilema entre liberdade individual e justiça (ou equilíbrio) social.”, às vésperas da redemocratização do País.

Há ainda outro componente “inovador” em *O Mistério do Cinco Estrelas*: a presença de um cadeirante – Gino. O protagonismo do rapaz, numa história de 1981, antecipa o debate sobre a inclusão pela sociedade de pessoas com necessidades especiais, o que só ocorreria na década seguinte.

Este debate sobre as diferenças culturais e sobre o tema da inclusão teve início, em nível mundial, em 1990, quando a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cidadania) realizou a Conferência Mundial sobre Educação para Todos. As metas então estabelecidas ainda não tratavam especificamente dos cadeirantes e o próprio termo só seria adotado anos mais tarde também, a partir do final da década.

A Conferência, no entanto, resultou, entre outros movimentos, na Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, ocorrida em Salamanca, na Espanha, em 1994. A Declaração de Salamanca, como se tornou conhecido o documento ratificado por representantes de 92 governos e 25 organizações internacionais, apontava para a necessidade de todas as pessoas, inclusive aquelas com necessidades especiais, serem incluídas no sistema comum de educação.



(...) as pessoas com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas comuns que deverão integrá-las numa pedagogia centralizada na criança, capaz de atender a essas necessidades; as escolas comuns, com essa orientação integradora, representam o meio mais eficaz de combater atitudes discriminatórias, criar comunidades acolhedoras, construir uma sociedade integradora e dar educação para todos... (ABENHAIM, 2005, p. 43)

No Brasil, o debate sobre a inclusão data de 1996, quando entra em vigor a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9394/96), que estabeleceu, entre outros princípios, a “igualdade de condições de acesso e permanência” na escola e recomendou que o ensino para “educando com necessidades especiais” ocorresse, preferencialmente, na rede regular. Dois anos depois, em 1998, foram estabelecidos pelo Ministério da Educação e do Desporto (MEC), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), e propostos Temas Transversais a serem trabalhados em todas as séries e por todos os docentes do Ensino Fundamental, segundo os quais o respeito deveria estar presente nas relações que se desenrolam nas escolas o tempo todo.

Marcos Rey, quando convidado a integrar a Coleção Vaga-Lume da Ática, manifestou o temor de ser obrigado a “passar lições de moral ou criar exemplos edificantes”. Desobrigado dessa conduta pela proposta da Editora, acabou, no entanto, por realizá-la, sem manifestar-se por um discurso panfletário no interior de *O Mistério do Cinco Estrelas*, embora trate das dificuldades de um “paralítico” na São Paulo dos anos 80. Gino não é um excluído e recusa-se a se autodenominar vítima. Pelo contrário, é feliz, inteligente, ágil em sua cadeira de rodas e cheio de atividades.

(...) Gino, apesar da doença, (...) se movimentava bastante na cadeira, ajudava a arrumar a casa, atendia à porta, fazia diversos cursos por correspondência, era apaixonado por futebol e ganhava algum dinheiro traduzindo livros infantis do inglês. (REY, 2005, p. 48)

Gino, segundo o narrador, fazia inclusive “alusões engraçadas à paralisia de suas pernas”. Contudo, não abdica de um papel crítico sobre a arquitetura da cidade. Diz ele: “Eu só não pertenço ao Clube de Xadrez porque lá não há rampas. Para quem teve paralisia infantil as escadas são piores que o Barão do 222. Creio que é a única coisa que me derrota. O resto é moleza”. (REY, 2005, p. 51).

Neste ponto, torna-se quase inevitável discutir em que medida Marcos Rey colocou em Gino as suas digitais. Afinal, em virtude da Hanseníase, o escritor tinha seqüelas nas mãos e nos pés e, por isso, uma discreta dificuldade para locomover-se, além do preconceito que sofrera. Se, voluntariamente ou não, Rey valeu-se de sua experiência pessoal na composição de um de seus primeiros personagens juvenis de papel: Gino, como Rey, era um tradutor de livros, um trabalhador da linguagem. O escritor praticou, portanto, a “inclusão” cerca de dez anos antes de o tema ganhar visibilidade e numa coleção de livros paradidáticos adotada em larga escala nos colégios da década de 80.

A inclusão se concretizava literariamente, por exemplo, na admiração de Léo pela inteligência e disposição do primo cadeirante: “(...) Leo, agora que o conhecia melhor, com aqueles olhos apertados e vivos, não duvidava de que chegasse à Presidência da República, com sua cadeira de rodas, pois havia rampa no Palácio da Alvorada, em Brasília”. (REY, 2005, p. 51).

Ao final do livro, Gino não manifesta a intenção em ser presidente da República, mas decide ser arquiteto com o objetivo de partir para ação e melhorar a locomoção de deficientes físicos e até de não-deficientes, numa metáfora em que se misturam as idéias de obstáculo como barreira física e também social:

- Acho que escadas e barreiras atrapalham a vida até dos que têm boas pernas – disse Gino com ar vagamente filosófico.
- Leo não entendeu. Ele estaria referindo-se a obstáculos sociais? Isso de pobres, remediados e ricos?
- O que quer dizer, primo?
- Gino já pensava noutra coisa.
- Leo, já escolhi minha profissão.
- Qual?
- Arquiteto.
- Não diga!
- Vou colocar uma rampa em cada edifício. Farei uma cruzada nacional contra as escadas. Não adianta a gente se lamentar. É preciso fazer alguma coisa – concluiu Gino... (REY, 2005, p. 125).

É interessante notar que, escritor de livros para o público adulto, Marcos Rey, ou melhor, Edmundo Donato (1925-1999), seu verdadeiro nome também ultrapassou a sua barreira quando da realização desse livro. Afinal, convidado pela direção da



Editora Ática a escrever para a coleção Vaga-Lume, sucesso de vendas entre o final da década de 70 e início da década de 80, o autor, inicialmente, recusou o convite.

Mais tarde, impressionado com as tiragens, Marcos Rey acabou por mudar de idéia. Para completar, seu temor de ter que “aprender a escrever para jovens” foi aplacado pela Editora Ática que lhe assegurou que não precisaria alterar seu estilo nem se preocupar “em passar lições de moral ou criar exemplos edificantes”. O objetivo, na verdade, seria “despertar o gosto pela leitura”.

Foi assim, então, que nasceu um livro: *O mistério do Cinco Estrelas*. A definição por um gênero: o policial. Três personagens que o perseguiriam por alguns anos: Leonardo (Leo), Gino e Ângela. E um sucesso editorial: só no primeiro ano de publicação, foram vendidos cerca de 200 mil exemplares.

Rey, portanto, fez este sucesso impressionante para o mercado de livros brasileiros ao agregar à literatura infantil e juvenil - muitas vezes, apontada - injustamente - como uma literatura menor - um gênero pouco produzido para este público e também marginalizado: o policial. Cometeu, assim, um feito duplo ao unir duas literaturas, de certa forma, marginais - a policial e a infanto-juvenil - numa obra que da margem ganhou o centro, que da linha que restringe ultrapassou limites ao ocupar o centro da folha em branco.

Referências bibliográficas

ABENHAIM, Evanir. Os caminhos da inclusão: breve histórico. In: *Educação inclusiva - Direitos humanos na escola*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2005.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil - Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2007, p.89.

KHÉDE, Salomão Sonia. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. São Paulo, Ática, p. 64.

MARIGNY, Carlos de. *Detetives por acaso*. 16ª edição, São Paulo, Brasiliense, 1986.

REY, Marcos. *O mistério do Cinco Estrelas*. 12ª edição São Paulo, Ática, 1993.

_____. *O mistério do Cinco Estrelas*. São Paulo, Global, 2005.

REY, Marcos. *O caso do filho do encadernador – romance da vida de um romancista*. 2ª edição, São Paulo, Atual, 1997.

SILVA, Deonísio de. *Nos bastidores da Censura*. 1989, São Paulo, Estação Liberdade, p. 15.

VECCHIO, Ângelo Del & TELAROLLI, Sylvia (organizadores). *Literatura e Política no século XX*. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2006.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2005.

Notas:

¹ Mestre em Literatura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM-SP).

² No romance juvenil *Bem-vindos ao Rio* (1987), Marcos Rey faz uma leitura similar da sociedade, embora de cunho mais pessimista, na epígrafe de sua autoria. Diz ele logo no início do livro: “Há dois mundos, o de cima e o de baixo. Quem vive no de cima pode, por curiosidade ou acidente, conhecer o outro. Mas os que estão no de baixo só através do sonho viajam para o de cima”.

³ O uso de aspas e travessão respeita o emprego utilizado por Marcos Rey nas edições do romance das editoras Ática e Global.

